

Práticas inventivas juvenis e biopotência

GT 29- Otra globalización: nuevos saberes y prácticas científicas, literárias y artísticas

Norma Missae Takeuti – UFRN (Brasil)

Resumo:

Análise de condutas jovens que emergem de situações coletivas ou grupais, direcionadas para algum tipo de produção artístico-cultural e relacionadas direta ou indiretamente a ações de cunho político-social. Discute-se a relação entre essas condutas com determinados acontecimentos da atualidade, ocorrendo em escala macrossocial (os ditos “movimentos globais”). A articulação entre o micro e o macrossocial inspira-se na abordagem *microsociológica* de G. Tarde e na sua *filosofia da diferença* que se encontra reverberada na filosofia de G. Deleuze. Refletimos a nossa empiria constituída a partir de uma pesquisa-intervenção, a qual elegeu a expressão de inventividade, enquanto uma resistência social de um coletivo jovem em face de um sistema de poder que os lançou à condição de desqualificados sociais na sociedade brasileira.

Palavras-chave: experimentações coletivas juvenis; micropolítica; processo de subjetivação.

Com o foco de análise, numa perspectiva microsociológica, em determinadas condutas jovens que emergem de suas situações coletivas ou grupais, direcionadas para algum tipo de produção artístico-cultural, relacionadas direta ou indiretamente a ações de cunho político-social, nossa reflexão tem por objetivo propor uma leitura dessas condutas em estreita relação com determinados acontecimentos da atualidade, que se dão na escala macrossocial. A articulação entre o micro e o macrossocial inspira-se na abordagem microsociológica de Tarde (2007) e na sua *filosofia da diferença* que se encontra reverberada na filosofia de Deleuze. Essa filosofia parece hoje se vivificar diante de alguns acontecimentos políticos, onde uma multidão “(se) manifesta”, onde se exerce uma *política da multiplicidade* ou, exprimindo-nos como Lazzarato (2006), uma *política menor*, esta entendida como outro modo de produzir algo *novo*, longe das paragens de uma *política da totalidade e da universalidade*.

Partamos da ideia capital de Tarde (2007) e de Deleuze (1991) de que uma *mônada* isolada nada pode fazer¹. A inventividade e a inovação só são possíveis quando elementos díspares efetuam conexões num mundo povoado de multiplicidade a qual se encontra num registro diferencial, entre uns e outros, isto é, numa *diversidade*. O encontro das diferenças e a afetação entre elas são a base da emergência de uma nova diferença (a invenção de um possível)². O interesse que suscitam seus

¹ (...) em uma sociedade, nenhum indivíduo pode agir socialmente, nem se revelar de uma maneira qualquer, sem a colaboração de um grande número de outros indivíduos... entregue a si mesma uma mônada nada pode. Eis aí o fato capital, e ele serve imediatamente para explicar um outro: a tendência das mônadas a se reunirem. (TARDE, 2007, p. 90).

² A descoberta newtoniana da atração, da ação à distância e a qualquer distância, dos elementos materiais uns sobre os outros, mostra que se deve reconsiderar sua impenetrabilidade. Cada um deles, outrora vista como um ponto, torna-se uma esfera de ação indefinidamente ampliada (pois, a analogia leva a crer que a gravidade, assim como todas as outras forças físicas, propaga-se sucessivamente); e todas essas esferas que se interpenetram são igualmente domínios próprios a cada elemento, talvez igualmente espaços distintos, embora misturados, que tomamos falsamente como um espaço único. O centro de cada uma dessas esferas é um ponto singularizado por suas propriedades, mas, ainda assim, um ponto como outro qualquer; aliás, sendo a atividade a essência mesma de todo elemento, cada um deles está inteiramente lá onde age. (TARDE, 2007, p.79-80).

métodos é que em lugar de centrarem o olhar sobre indivíduos, eles nos levam a captar os fluxos sociais, em intensidade e velocidade, que se interconectam e coproduzem novos fluxos.

Fundamentados nessas referências, partimos de duas hipóteses, articuladas entre si: 1º.) Haveria uma **configuração subjetiva** bastante próxima entre o nosso campo empírico, de *escala microscópica*, cujo foco é um coletivo jovem de uma “periferia”³ urbana brasileira e determinados acontecimentos de *escala macroscópica*; 2º.) Esses acontecimentos atuais, em ambas as escalas, constituem-se num *campo aberto de possibilidades* em face de um agir nefasto do neoliberalismo contemporâneo. Convergimos com Lazzarato (2006, p. 29) no tocante às “jornadas de Seattle”, em 1999, enquanto um acontecimento político de abertura a processos de experimentação com implicações na subjetividade, bem como de emergência de processos de criação de outros agenciamentos, dispositivos e instituições capazes de engendrar novas possibilidades de vida: *nuevas relaciones con la economía y con la política-mundo, una manera diferente de vivir el tiempo, el cuerpo, el trabajo, la comunicación, nuevas maneras de estar juntos y de estar contra, etcétera*.

Os atuais acontecimentos expressos nas manifestações, contestações e *occupies*, desde 2011, em algumas regiões do mundo (África do Norte, Oriente Médio, Europa do Sul, América Latina, América do Norte e Ásia) e nas recentes manifestações (2013) no Brasil possuem uma dimensão de um “movimento global”, majoritariamente constituída de protagonistas jovens. Propagação desses eventos, com permanência em forma de acampamentos em pontos localizados, causando perplexidade geral. No Brasil, têm surgido “ocupas ou primaveras brasileiros”, em sua origem sob um impulso temático⁴ e ulteriormente ampliado.

O que chama mais atenção, nesses eventos de grande magnitude, é que os manifestantes e os eventos produzidos constituem-se em si próprio um *sintoma social* de um sistema “predador” e produtor de um profundo “abismo”. *O que os manifestantes estão fazendo é simplesmente levar os que estão no poder a olhar para baixo* [o abismo]. (ZIZEK, 2012, p. 88). O ineditismo desses acontecimentos estaria no fato de os manifestantes jovens “atuarem” pelo *gesto de subtração* (ZIZEK, 2012, p. 87): restringem-se a indicar que “não se deseja”, tal como *Bartleby*⁵ e o seu incansável pronunciamento *I would prefer not to*. Não desejar ser partícipe na produção de um mundo corroído pela ganância e crueldades praticadas em nome de grandes empreendimentos lucrativos ou simplesmente “não querer participar da dança do capital e de sua circulação” (ZIZEK, 2012, referindo-se aos manifestantes do *Occupy Wall Street*). Só não esqueçamos que *Bartleby*, com seu gesto de subtração, terminou por desestabilizar uma organização infalível... Pura ficção?

A partir de um olhar mais *vibrátil*, ousemos avançar em nossas indagações. Em meio a esse gesto de subtração, não emanaria um desejo sorrateiro de viver a vida diferentemente, em estreita conexão com a possibilidade de engendrar outras *figuras do pensável*⁶? Por que não arriscarmos a pensar que nesse platô de miríades de indivíduos possa haver *linhas de força* (DELEUZE, 1988) onde se esboça desejo de *pensar diferentemente* (FOUCAULT, 1984b, p. 13) para resgatar e reinventar a vida capturada pelos múltiplos dispositivos de controle e de poder? Ora, se capturada não estaria, então, a vida diante do impossível? De imediato, tomemos essa última questão para observar, com Deleuze&Guattari (1978)⁷, que é no confronto ao *impossível* que estaria a possibilidade de criação, uma vez que esta, contrariamente ao que se pensa, está menos em função dos *possíveis existentes* do que para o impossível.

³ O termo periferia ou periférico corresponde à auto-designação dos jovens. Termo reivindicado pelos ativistas do hip hop: a assunção do “ser periférico” sendo a própria condição de possibilidade de um “agir consciente dentro e fora da comunidade e em prol dela”.

⁴ A exemplo das manifestações ocorridas em junho-julho 2013, em diversas capitais e cidades brasileiras cujo estopim foi o aumento de tarifas do transporte coletivo urbano que, em seguida, generaliza-se para tantas outras temáticas de protesto.

⁵ Personagem trabalhado por Deleuze (1997), a partir da obra *Bartleby*, de H. Melville (2003).

⁶ Referência à obra *Les figures du pensable* de Castoriadis (1999).

⁷ Em *Kafka - Por una literatura menor*, problematização de uma criação literária que nasce do confronto com o impossível.

Incitados por essa hipótese e indagações acima, a nossa problematização incide inicialmente sobre os *platôs juvenis*⁸, focando experimentações em escala menor. Platôs, portanto, pensados em termos de *multiplicidade*⁹ de fluxos onde se realizam ações e estratégias à produção de bens materiais e imateriais (de natureza artística, cultural, científica, tecnológica ou econômica); onde se produzem discursos, informações e conhecimentos, bem como experimentações grupais ou coletivas diversificadas, principalmente mobilizando repertórios do universo da arte e cultura, com fins lúdico, político ou econômico. Atualmente, em decorrência do avanço tecnológico informacional e comunicacional, são mais visíveis as variadas experimentações, em toda sua *diferenciação, mobilidade e liberdade*¹⁰. Uma logram, outras não; isto é, umas experimentações emergem e desaparecem instantaneamente sem deixar traços; outras revelam um *algo*, uma *força de afetação*, num ampliado espaço-tempo. Na perspectiva micropolítica¹¹, importa menos levar em conta o malogro e mais focalizar as tentativas existentes na criação de um *novo*, bem como importa mais ideias que subjazem nesses ensaios juvenis que se revelam em forma individual, grupal ou coletiva, de escala micro a macrosocial.

Propomos pensar esse tecido social juvenil constituído de *dobras* (DELEUZE, 1991; TARDE, 2007) quanto de figuras, coisas e qualidades – realizando-se nos fluxos (sociais, políticos, culturais e econômicos) – que se refletem e se atualizam nos sujeitos jovens. Desse conceito de dobra, resgatamos no essencial, a ideia de que o mundo da espécie humana, como também os elementos do mundo físico e social não estão reduzidos ao dobrar e ser dobrado (dominar e ser dominado)¹². Distanciamos, assim, da dialética da dominação ao passarmos a pensar o mundo não em partes separadas, mas composto de curvaturas e *dobras infinitesimais*. Em Deleuze (1991) e Tarde (2007), o mundo social, assim como o mundo físico e dos viventes em geral, realiza-se na *multiplicidade* dos corpos em afetação (*uma força é afetada por outras ou afeta outras*); a dobra constitui-se pelo poder de afetação; corpos em conexão realizam e produzem dobras, daí, o *potencial emergente do novo*.

A nossa opção teórica é, então, aquela que toma a sociedade em seu aspecto de *multidão*¹³ que, em si, comporta paradoxos. Para Negri&Hardt (2004, p. 44) é Foucault quem nos abre a tese sobre o *paradoxo do poder*:

À medida que [o poder] unifica e envolve todos os elementos da vida social (perdendo com isso sua capacidade efetiva de mediar diferentes forças sociais), nesse exato momento revela um novo contexto, um novo *milieu* de máxima pluralidade e incontornável singularização – um *milieu* de evento.

⁸ Significa pensar os “territórios juvenis” em termos de Deleuze&Guattari (1995, p. 33): “uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior”.

⁹ Noção inscrita na cartografia conceitual de Deleuze: na multiplicidade, cada elemento está incessantemente em variação e nela estão consideradas *linhas de fuga ou de desterritorialização, devir-lobo, devir-inumano, intensidades desterritorializadas*. (DELEUZE&GUATTARI, 1995, v. 1, p. 46).

¹⁰ Termos inscritos na analítica foucauldiana: particularmente, *O sujeito e o poder* (1995).

¹¹ Entenda-se com Deleuze&Guattari (1996) em termos de *fluxos moleculares* escapando, em sua minudência inicialmente e que pode depois aumentar...

¹² Em *A dobra do poder*, Antoun (s/data, texto online) evidencia o quanto *Deleuze trava em cada uma delas* [na obra *A Dobra: Leibniz e o barroco*] *um mesmo combate contra as máscaras da atualidade, que escondem a dialética da dominação*.

¹³ *Para Spinoza, el concepto de multitud indica una pluralidad que persiste como tal en la escena pública, en la acción colectiva, en lo que respecta a los quehaceres comunes – comunitarios –, sin converger en un Uno, sin desvanecerse en un movimiento centrípeto. Multitud es la forma de existencia social y política de los muchos en tanto muchos: forma permanente, no episódica o intersticial. Para Spinoza, la multitud es la base, el fundamento de las libertades civiles.* (VIRNO, 2003, p. 21).

Tese retomada por Deleuze&Guattari em termos de *paradoxo da pluralidade e da multiplicidade* (NEGRI&HARDT, 2004, p. 44): se, de um lado, há absorção da sociedade pelo poder; de outro, há explosão na sociedade civil daquilo que era previamente coordenado/mediado pelo poder ou Estado. Resistências não mais “marginais”, porém, ativas no interior de uma sociedade aberta em rede, havendo nela assim um potencial de insubordinação e revolta.

Estamos plenamente na tese de Foucault¹⁴: *poder e subjetivação são duas faces de um mesmo processo*. De um lado, captura de fluxos vitais; de outro, modos de resistência. Nas relações de poder nem tudo entra em seu domínio. Há sempre algo que escapa ao poder, pelas brechas de um pretense sistema bem protegido. Por isso, o poder “resiste”, recompõe-se para bloquear o novo que surge¹⁵. Interessantes são os desdobramentos teóricos sobre a biopolítica de Foucault, empreendidos por determinados autores contemporâneos¹⁶ de modo a evidenciar a outra face desse conceito, a *biopotência*. Alliez et al. (2000) salientam que a análise biopolítica:

Coloca o problema do poder em termos de estratégia para pensá-lo menos a partir de situações de dominação que ele determina, e mais a partir de afirmações e de composições que ele permite e, portanto, da liberdade dos sujeitos que permanentemente o alimentam e condicionam a sua realização. “Só há relação de poder entre sujeitos livres”: há que se mensurar a carga corrosiva dessa proposição, em relação ao ponto de vista comum do pensamento crítico, seja na filosofia política ou nas ciências sociais. Trata-se de recusar a objetivação do sujeito na figura do dominado e de encontrar a potência subjetiva inscrita numa relação de poder concretamente identificada e, portanto, sempre suscetível de ser reconduzido ao limite da sua própria reversão. Tal é a tarefa resolutamente positiva assinalada por Foucault à crítica. (nossa tradução)

Fundamentados na constelação teórica acima, refletimos a nossa empiria constituída a partir de uma pesquisa-intervenção. Esta elegeu a expressão de inventividade, enquanto uma *resistência social* de jovens em face de um sistema de poder que os lançou à condição de desqualificados sociais na sociedade brasileira (TAKEUTI&BEZERRA, 2009). Inventividade cuja dinâmica coletiva apresenta um diagrama de fluxos onde se insinua uma *política da vida* no cotidiano da pobreza de jovens da “periferia”. Um coletivo jovem de um bairro pobre (Natal-RN, Brasil) foi o nosso grupo focal, e com o qual estabelecemos parceria (de 2007 a 2012). Detalhes da trajetória desse grupo e nossas relações de parceria, no quadro da pesquisa-intervenção, foram objeto de diversas publicações¹⁷.

Juntos, concebemos oficinas de *narrativas de práticas sociais* voltadas para compreender o processo de constituição desse coletivo de ação cultural, social e político, com ênfase na história grupal, sua trajetória e efeitos produzidos, tanto ao nível individual quanto ao de sua “comunidade”¹⁸. Enfatize-se a natureza dessa pesquisa-intervenção: perspectiva da *liberação*, ao revés da lógica social *normalizadora* de indivíduos. Dessa extensa trajetória de religação de saberes práticos e saberes científicos, salientamos, em resumo:

¹⁴ Remetemos à tese da biopolítica – poder sobre a vida de Foucault: *Ditos e Escritos* (1980 em diante), aulas no Collège de France, editadas após a sua morte, onde o autor incansavelmente desenvolve o tema da captura da vida. Citemos, mais enfaticamente, o último capítulo de *A vontade de saber. História da sexualidade I* (1988) e o *Nascimento da Biopolítica* (2008).

¹⁵ Na obra *Em Defesa da sociedade*, Foucault (1999) problematiza como o poder se rearticula para sufocar as *microlutas* ou *ações de resistência criativa* (1995).

¹⁶ In Dossiê *Pouvoir et résistance* (ALLIEZ et AL., 2000); dele, participam Lazzarato, Rancière, Latour, Agamben, Stengers, entre outros. In: *Coletivo Associação Multitudes* (www.multitudes.samizdat.net/)

¹⁷ Em diferentes edições, aspectos variados relativos às tentativas juvenis de saídas aos impasses sócio-historicamente impostos a essa população – Takeuti (2010a, 2010b, 2009, 2008) e Takeuti&Bezerra (2009). Igualmente, três produções de doutorado e de mestrado em Ciências Sociais.

¹⁸ Termo habitualmente adotado, pelos jovens, ao se referir ao bairro onde habitam.

- 1- Grupo de jovens que se orientavam à produção estética do rap e à realização de uma micropolítica; esta entendida como implicação em ações políticas e culturais com vistas a outro *devenir jovem*. *Desterritorialização* pela arte e aprendizado de modos alternativos à vida social adversa. Tentativas de deslocamento em relação a uma *significação imaginária social* (CASTORIADIS, 1986) perversa que remete jovens de camadas socioeconômicas inferiores, na sociedade brasileira, à representação de que são “pré-destinados” a fracassarem em sua existência social e estarem indelevelmente fixados em estigmas avassaladores de suas subjetividades.
- 2- Num dado momento de sua trajetória social, adesão do grupo ao movimento hip hop pela criação da banda GPS – Grupo Periférico Suburbano (1998); uma ressonância de acontecimentos culturais¹⁹ ocorrendo em diversos territórios “periféricos” brasileiros. Período inaugural de um intenso ativismo cultural e político, com obtenção de reconhecimento e destaque, em fóruns sociais – local e regional –, no interior de sua comunidade e em certos espaços políticos da cidade. Ramificação gradativa do GPS de tal forma que a *Posse*²⁰ (2003) emergiu “naturalmente”, possibilitando aos seus membros assunção do “protagonismo juvenil” em assuntos de sua comunidade;
- 3- Suscitava nosso interesse, por esse coletivo, a sua inventividade na mobilização de jovens da localidade através de práticas culturais e artísticas conjugadas com propostas políticas (sob temas como “combate à violência”, “melhoria nos postos de saúde”, “direitos humanos” etc.). Características de grupo se orientando para um *devenir*²¹ (DELEUZE&GUATTARI, 1995): visibilidade em seu próprio território de pertença e em outras partes da sociedade onde intentavam abrir “brechas” necessárias para a produção de uma subjetividade não mais capturada pelo princípio do *desvalor* humano;
- 4- À medida que as contradições de várias ordens emergiam provocando conflitos grupais ou comunitários, eles persistiam, ao lado das raivas, dores e inconformismos, na vontade de produzir na e para “sua própria comunidade” outras formas de vida, para a superação da limitada condição social e humana de vida.

Daí a nossa questão: por que somente insistir analiticamente nas “vias sem saídas”, nos enclausuramentos, nas faltas e negligências? Por que insistir na ótica da impossibilidade de chances para emergência de novos *fluxos de vida* num território considerado unicamente sob o prisma das *pulsões de morte*? Em lugar de congelarmos o olhar nas “precariedades”, privilegiamos os sinais de vida expressos em suas ações culturais (grafite, música, dança, produção de videoclipes), em seus “lances políticos”²² e em suas táticas de associar-se com parceiros institucionais para concretização de determinadas ações sociais no bairro²³. Optamos pela interpretação, sugerida por Guattari (1981, p. 46): em determinadas ações de jovens se esboçam *novas modalidades de organização da subjetividade coletiva*, uma problemática insurgente no campo da *economia desejante* coletiva, em seus *pontos de ruptura nas estruturas sociais*. Se na perspectiva material, o território geográfico continua caracterizado pela precariedade, eles continuam a se mover rumo à mudança do seu *território subjetivo*.

¹⁹ Takeuti (2009, 2010b).

²⁰ *Associação Posse de Hip Hop Lelo Melodia*, fundada em 2003, congrega diversos grupos musicais do hip hop e de outros gêneros musicais do bairro e do entorno deste. www.violacao.org/geracoesjovens/expostas/325/posse-de-hip-hop-lelo-melodia. Acesso em 01/11/2012.

²¹ O conceito de *devenir* em possibilita-nos captar aquilo que parece estar primordialmente em jogo nas atitudes dos jovens: o fazer *atual* não prefigura uma forma dada “no futuro”, não se amarra a uma “política de identidade”, tampouco a uma dada organização ou uma “revolução de futuro”. É o *intempestivo* (DELEUZE, 1998), possibilitando a invenção de um algo novo do qual não se forma ou formato dado *a priori*.

²² Participar de um fórum social, de encontros da juventude e outros eventos a caráter político na cidade e na região.

²³ Por exemplo, a parceria com a Universidade no Programa Germinal (MEC-SESU-UFRN), sob a nossa coordenação (TAKEUTI, 2013).

O essencial está no fato de que essas tentativas já são esboços de outro processo de subjetivação cujo agenciamento não passa (tão só!) pelas raias das drogas, violências e crimes.

Movidos pela curiosidade, fomos colhendo, ademais, testemunhos de desejos de experimentação em outros *territórios subjetivos*, para fora do nosso grupo focal para conhecer outras atitudes coletivas experimentais²⁴. Isso aguçou nossa sensibilidade, despertando um olhar mais vibrátil, para captar dinâmicas juvenis a caráter inventivo, tratando-se, geralmente, daquelas que manifestam atitudes em inconformidade com a normatividade social dominante, ou seja, atitudes apercebidas socialmente como estranhas, incompreensíveis, transgressivas ou aberrantes, por não corresponderem à lógica da normalidade. Nossa hipótese é de que essa inconformidade é a que se encontra na base das manifestações em escala maior.

Para ilustrar essa busca de experimentações que os arremessam a *fluxos desterritorializantes*, onde o sensível arrasta-os por *linhas* desconhecidas, tomemos apenas uma das modalidades do hip hop: a dança *break* e seus efeitos. Podemos pressupor que o corpo na dança²⁵ – que se expressa em movimentos que se quebram com aparência mecânica, acrobática ou robótica – está, em primeira mão, nos falando numa *língua estrangeira*. Tal como em certas linguagens literárias: *um devir-outro da língua* [dominante, legítima na sociedade], *uma minoração dessa língua maior, um delírio que a arrasta, uma linha de feitiçaria que foge ao sistema dominante*. (DELEUZE, 1997a, p. 15). Numa linguagem “delirante”, esse corpo comunica algo que se quer ser descontínuo, entre as linhas lineares e segmentárias do espaço urbano, para se esgueirar entre os seus “vasos não-comunicantes”. Expressa o desejo de desafiar o “disciplinado”, pela *mise-en-scène* de performances que indicam outras possíveis direções e composições aos corpos moldados pelas regras específicas e aparentemente incontornáveis.

Vertical, horizontal, diagonal e circular: a transversalidade corporal – como *ondas do mar*²⁶ – mostra subidas, descidas, quebradas e *dobras*. *Fluxo turbilhonar, em intensidades e velocidades* (DELEUZE&GUATTARI, 1997; DELEUZE, 2006); dispersão não retilínea, de produções abertas que se abrem para espaços, sem delimitações. Corpo e dança se tramam numa cumplicidade enigmática contra os códigos disciplinadores de espaços que insistem impor um modo segmentado de relações – o não-contato, a indiferença, a apatia e o medo. Seus gestos e expressões corporais manifestam, de um lado, temas enraizados na realidade cotidiana das cidades, tais como, a rejeição social, a morte, a infâmia, o amorfo, enfim, temas que condenam parte de seres sociais ao ostracismo na própria sociedade; de outro, apontam as possibilidades de expressão de um corpo potente ou *corpo sem órgãos* (DELEUZE&GUATTARI, 1996), o qual passa a desafiar dispositivos de captura de corpos e da vida.

Música e dança se conjugam num convite a outros corpos presentes (dos jovens espectadores). Tipo de comunicação onde se reverbera um movimento sensível do corpo em suas possibilidades espaço-temporais: espaço não mais reduzido ao solo retilíneo e unidimensional; pela dança, ele se torna

²⁴ Rede Fora do Eixo (FdE) <http://foradoeixo.org.br> – até 2012, congregava 73 coletivos jovens de 112 cidades de quatro países da América Latina. A rede iniciou na produção musical para, em seguida, abrir o seu escopo para outras produções culturais (cineclube, teatro, dança, poesia e softwares livres). Produções em direção a uma “lógica subversiva”, bem como elaboração de projetos para captação de recursos e gestão, criação do Banco FdE (moeda própria) e a Universidade FdE. In: <http://www.outraspalavras.net/2012/02/28/cultura-e-se-o-pos-capitalismo-estiver-começando/>

São múltiplas as experimentações em curso. A título indicativo citemos quatro sites: 1) <http://www.esteticasdaperiferia.org.br> (onde são, inclusive, indicadas teses e dissertações produzidas sobre a periferia); 2) <http://prod.art.br/prosite.com> (coletivo voltado para ação de co-criação artística; imersão no mundo contemporâneo, na sua velocidade e contínua transformação; movimento, experiência e processo; intercâmbios e parcerias, espalhadas pelo Brasil, Américas, Europa e Ásia; multiplicidade de caminhos e projetos); 3) <http://cooperifa.blogspot.com.br/> (arte e cultura da periferia de São Paulo); 4) <http://www.mollecular.org/> (“Mollecular organization studies the functioning of semio-capitalism and develops soft technologies of cooperation, tools for building the impossible communities of abstract work and its performers”).

²⁵ Resgatamos, aqui, parte do que já elaboramos anteriormente (TAKEUTI, 2010a).

²⁶ Figuração utilizada por Tarde (2007) para se referir ao conceito de dobra.

multidimensional de modo a permitir que o corpo explore laterais, diagonais, acima e abaixo. O corpo se torna desobediente das regras e normas convencionais: espalma, empina, retorce, dobra e se desdobra, como que buscando posições desmesuradas que quebre a linearidade de gestos conhecidos. Na dimensão temporal, o *break* quer “quebrar” o tempo codificado (por exemplo, do trabalho ou do lazer ditado principalmente pela mídia televisiva). Tempo remexido nos saltos, volteios e vibrações do corpo que se reverbera na platéia curiosa e seduzida a entrar no “campo magnético” vibrante. Finalmente, a temporalidade para a qual *b-boys*, *rappers* e demais componentes adentram e carregam consigo os espectadores, não seria mais aquela que os define como os “alijados” da sociedade. Corpo em *devoir* que prepara um *devoir-jovem*. Pela dança, resgata-se a *carne*, expressando-nos como Sennett (2008), que dá matéria a um corpo, agora vibrante e não mais desqualificado. O *lado de fora* (DELEUZE, 1988) agora se desdobra na *carne* que ganha vida e, tal como um corpo *rizomático*, vai engendrando gestos não previsíveis, impensados e inacabados numa estética inclassificável. É bem isso o que entendemos por *modo de subjetivação* – deslocar-se para outros agenciamentos que abram outras maneiras de perceber, sentir, conhecer, pensar e fazer...

Quisemos, nesta parte do texto, mostrar que o *break* – assim como, a poética do rap, o grafite e demais experimentações artístico-culturais que pudemos visitar – pode estar revelando uma subversão do corpo *tão pouco respeitado na civilização ocidental* (SENNETT, 2008, p. 13), isto é, desvelando uma espécie de resistência que promove o despertar da sensibilidade do corpo, que vai à contramão dos corpos disciplinados, regulamentados e regulados na couraça da indiferença e do cansaço, que se deslocam pelas ruas das cidades contemporâneas. Outro modo de subjetivação instala-se nas *dobras* dos movimentos que fluem pela música e dança, e se estabelece como uma *micropolítica*²⁷. Esta transborda o campo do instituído e diz respeito a toda dimensão vital, ou melhor, à *potência de vida*.

Através da arte e cultura, tais coletivos jovens buscam inventar uma nova gramática dentro da própria língua dominante: a *gramática da ira*²⁸. Manejando uma gramática própria, jovens “artistas” ou “artesãos” tencionam apontar a tragicidade imposta pelas atuais normas, hierarquias e estruturas instituídas. O canto, a dança, a escrita, as artes visuais e tantas outras modalidades de expressão artística ou artesanal passam a ser “armas” simbólicas às quais muitos jovens lançam mão como uma maneira de desterritorializar-se em relação ao que se lhes impõem tão naturalmente. Invenção de uma gramática de contestação (mesmo que seja *à la Bartleby* – uma incrível performance!) contra uma ordem que insiste em sua legitimidade natural. Não seria isso que *os indignados*, em várias partes do mundo, estão a demonstrar através da multiplicação de movimentos sociais locais?

(...) os corpos coletivos sempre têm franjas ou minorias que reconstituem equivalentes de máquina de guerra, sob formas por vezes muito inesperadas, em agenciamentos determinados tais como construir pontes, construir catedrais, ou então emitir juízos, ou compor música, instaurar uma ciência, uma técnica. (DELEUZE&GUATTARI, 1997, p.32)

É nessa perspectiva teórica que entendemos os atos de protesto e o processo de subjetivação subjacente (tal qual expusemos em relação a *coletivos menores e localizados*, na escala microssocial) dos movimentos atuais (desde 2011) que assumem um vulto volumoso, a uma escala macrossocial, em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, e que têm ensejado diversos analistas sociais a nomeá-los de movimentos “globais”. Em grande parte, são populações jovens a gritar “basta!” à continuidade da

²⁷ Deleuze&Guattari (1996, p. 72-3) esclarecem que a *grande política* para ela própria se mover necessita *micro-injeções*, de *infiltrações que a favorecem ou que lhe criam obstáculo e quanto maiores os conjuntos, mais se produz uma molecularização das instâncias que eles põem em jogo*. Trata-se de *linha molecular que põe todas as coisas em jogo, mas em uma outra escala e sob outras formas, com segmentações de outra natureza, rizomáticas ao invés de arborescentes*. Isso é a *micropolítica*.

²⁸ Takeuti&Bezerra (2009).

pura lógica de aceitação de bens e valores ofertados em sociedades em crise. Jovens que se ressentem da crise nas diversas instâncias sociais e que destacam, em suas insurgências, a falência da atual ordem político-institucional na democracia ocidental. “Dedos em riste” contra corporações produtivas, em suas alianças com banqueiros e políticos, que se sustentam pela produção da desigualdade econômica e social²⁹, projetando amplas parcelas populacionais em situações de risco social: desempregos atingindo a população jovem de maneira intensa; endividamentos não só de organizações produtivas, mas de cidadãos comuns ameaçados em relação ao trabalho, à moradia, à assistência à saúde; empobrecimento-exclusão; *débâcle* de cidades com suas prefeituras endividadas; devastação do meio ambiente, corrupção de banqueiros, empresários e políticos e a lista é longa... E é essa lista de problemas amalgamados que tem vindo à tona, nas últimas manifestações. A partir disso, sabe-se que há um longo trajeto a percorrer para gestar alternativas para o “que não se deseja”. São numerosas as críticas sobre esses movimentos tidos como “violentos”, “fantasiosos”, “sem projetos”, “sem foco”, enfim, inócuos. Talvez porque não manifestem desejo de rompimento implacável com relação a um sistema vivenciado como “destrutivo”? É verdade que se não manifestam o desejo de “destruição”, tampouco manifestam atitude de enquadramento na normatividade social vivenciada como clausura do pensamento, do corpo e da vida.

Determinados analistas sociais³⁰, embora partam de perspectivas teóricas distintas, vão a contrapelo dessas críticas e “apostam” no despontar de um *algo novo* a partir dessas eclosões sociais. Haveria sinalizações de desejos! Reelaboramos estes enquanto: 1) desejo de um devir outro a se produzir nesse campo aberto de experimentações sociais, onde uma *multidão* efervesce em seu desejo de reinvenção da política da vida; 2) desejo de outra comunidade política, de outro modo de fazer política, de outra esfera pública compartilhada pelo múltiplo, em face de um *contemporâneo*³¹ intolerante em relação às práticas de liberdade; 3) desejo de transpor um estreito umbral político, que opera apenas na lógica de grupos hegemônicos, a fim de abrir-se a um *agir em comum*, em conexões maiores entre *menores*³²; 4) desejo de ver a *potência de vida* emergir das trevas do *contemporâneo* (AGAMBEN, 2009), no contrafluxo dos *regimes de verdade* (FOUCAULT, 2004).

Cada um desses pontos merece aprofundamentos maiores que não poderemos proceder no âmbito deste artigo. Para tanto, deixaremos assinalada uma hipótese a detalhar ulteriormente. Levar em conta esses desejos enquanto um sinal de movimento *nômade* (DELEUZE, 2006, p. 327): um modo de pensamento deslocando-se em *linhas de fuga*³³, descodificando-se, para reinventar um *novo corpo*. Ao nômade, seu desafio é em não se deixar sobre-codificar socialmente, razão porque seu “jogo” não está em partir; ao contrário, ele *se agarra a esse espaço liso onde a floresta recua, onde a estepe ou o deserto crescem, e inventa o nomadismo como resposta a esse desafio*. (DELEUZE&GUATTARI, 1997, p. 53).

²⁹ Interessante ver o texto de Peschanski (2002).

³⁰ Pensamos, dentre outros, nos autores presentes na coletânea *Occupy* (HARVEY; TELES; SADER et AL., 2012).

³¹ Pensamos no curto ensaio de Agamben (2009).

³² O *menor* se relaciona à *multidão* que embaralha códigos dominantes e seu ordenamento; caracteriza-se pela desterritorialização; sempre representa o *desvio* em relação à normatividade social. No menor se encontra o fluxo vital (da política da vida!) da própria sociedade. (DELEUZE&GUATTARI, 1978).

³³ Para Deleuze&Guattari (1996, p. 72-3), as linhas de fuga não *consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir, como se estoura um cano, e não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de se endurecer para vedar as linhas de fuga. Nada de imaginário nem de simbólico em uma linha de fuga. Não há nada mais ativo do que uma linha de fuga, no animal e no homem. (...)o que foge em uma sociedade? É nas linhas de fuga que se inventam armas novas. (...) de modo mais frequente, um grupo, um indivíduo funciona ele mesmo como linha de fuga; ele a cria mais do que a segue, ele mesmo é a arma viva que ele forja, mais do que se apropria dela. As linhas de fuga são realidades; são muito perigosas para as sociedades, embora estas não possam passar sem elas, e às vezes as preparem.*

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. (2009). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos.
- _____. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- ALLIEZ, E. et AL. (2000). Le pouvoir et la résistance (Disponível em: <http://multitudes.samizdat.net/Le-pouvoir-et-la-resistance>, postado março/2000 – acesso julho/2012)
- ANTOUN, H. As dobras do poder (s/ data). In: Dossiê Gilles Deleuze & Félix Guattari (Disponível em: http://www.dossie_deleuze.blogspot.com.br/)
- CASTORIADIS, C. (1999). *Figures du pensable*. Les carrefours Du labyrinthe VI. Paris: Seuil.
- _____. (1986). *A instituição imaginária da sociedade* [1975]. São Paulo: Paz e Terra.
- DELEUZE, G. (1988). As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjetivação). In: *Foucault*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- _____. (1991). *A Dobra: Leibniz e o barroco*. Campinas: Papirus.
- _____. (1992). Post-Scriptum sobre as sociedades de controle. In: *Conversações*. São Paulo: Ed. 34.
- _____. (1997a). A literatura e a vida. In: *Crítica e Clínica* [1993]. São Paulo: Ed. 34.
- _____. (1997b). Bartleby, ou a fórmula. In: *Crítica e Clínica* [1993]. São Paulo: Ed. 34.
- _____. (1998). *Diálogos* [1977]. São Paulo: Editora ESCUTA.
- _____. (2006). Pensamento nômade. In: *A ilha deserta* (pp.331-343). São Paulo: Iluminuras.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1978). *Kafka - Por uma literatura menor*. Mexico: Ediciones Era.
- _____. (1995). Introdução: Rizoma. In: *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia Vol.1* [1980]. São Paulo: Ed. 34.
- _____. (1995). Um só lobo ou vários lobos? In: *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia Vol.1* [1980]. São Paulo: Ed. 34.
- _____. (1996). Micropolítica e segmentaridade. In: *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia Vol.3* [1980]. São Paulo: Ed. 34.
- _____. (1996). Como criar para si um corpo sem órgãos. In: *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia Vol.3* [1980]. São Paulo: Ed. 34.
- _____. (1997). Tratado de nomadologia: A máquina de guerra. In: *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia Vol.5* [1980]. São Paulo: Ed. 34.
- FOUCAULT, M.
- _____. (1981-1982). *As Malhas do Poder*. In: *Barbárie*, n. 4-5, UFBA, 1981-1982.
- _____. (1984a). *História da sexualidade 2. O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (1984b). *O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (1995). O sujeito e o Poder [1982]. In: *H. Dreyfus&P. Rabinow (Orgs.), Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica* (pp. 231-249). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. (1988). *História da sexualidade 1. A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (1999). *Em Defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2004). Verdade e Poder. In: *Microfísica do Poder, R. Machado (org.)*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

- _____. (2008). *Nascimento da biopolítica. Curso no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes.
- GUATTARI, F. (1981). Gangues em Nova Iorque. In: *Félix Guattari. Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*, S. Rolnik (org.). São Paulo: Brasiliense.
- HARDT, M. & NEGRI, A. (2004). *Império*. Rio de Janeiro: Record.
- HARVEY, D.; TELES, E.; SADER, E.; et AL. (2012). *Occupy. Movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo Editorial: Carta Maior.
- LAZZARATO, M. (2006) *Por una política menor Acontecimiento y política en las sociedades de control* [2004]. Madri: Traficantes del sueños.
- MELVILLE, H. (2003). *Bartleby, o escriturário – Uma história de Wall Street* [1856]. Porto Alegre: L&PM.
- PESCHANSKI, J. A. (2002). Os “ocupas” e a desigualdade econômica. In: *Occupy. Movimentos de protesto que tomaram as ruas*, D. Harvey, E. Teles, E. Sader et al. São Paulo: Boitempo Editorial: Carta Maior.
- SENNETT, R. (2008). *Carne e pedra – o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: BestBolso.
- TAKEUTI, N. M. (2013). Projeto Germinal – Construção coletiva por um programa de desenvolvimento comunitário sustentável. (Disponível em: <http://sigproj1.mec.gov.br>).
- _____. (2010a). Corpos em movimento no hip hop e devir jovem. In: *Práticas de formação, memória e pesquisa (auto) biográfica*, V. L. GASPAR DA SILVA e J. L. da CUNHA (Orgs.), pp. 75-92. São Paulo: Cultura Acadêmica.
- _____. (2010b). Refazendo a margem pela arte e política. In: *Revista Nômadias*, n.º. 32, pp. 13-25, abril. Bogotá: Instituto de Estudos Sociais Contemporâneos – Universidad Central.
- _____. (2009). Movimentos culturais juvenis nas “periferias” e inventividades sociais. In: *América Latina e Brasil em perspectiva*, P. H. MARTINS e R. de S. MEDEIROS (Orgs.), pp. 331-350. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- _____. (2008). Saberes em construção: coletivo jovem em formação na sua resistência social. In: *(Auto) biografia: formação, territórios e saberes*, M. da C. PASSEGGI e E. C. de SOUZA (Orgs.), pp. 203-221. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus.
- TAKEUTI, N. M. & BEZERRA, M. A. (2009). Trajetórias de um coletivo jovem: nem só de prática-Gramática da Ira. In: *Reinvenções do sujeito social – teorias e práticas biográficas*, N. M. TAKEUTI & C. NIEWIADOMSKI (Orgs.), pp. 105-125. Porto Alegre: Sulinas.
- TARDE, G. (2007). *Monadologia e sociologia e outros ensaios* [1893] (organização de E. V. Vargas e tradução de P. Neves). São Paulo: Cosac Naify.
- VIRNO, P. (2003). *Gramática de la multitud*. Madri: Traficantes de Sueños.
- ZIZEK, S. (2012). *O ano em que sonhamos perigosamente*. São Paulo: Boitempo.